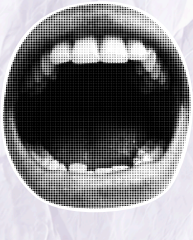
Publica

COMO DIFERENCIAR NOTÍCIAS FALSAS DE VERDADEIRAS NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

GUIA PRÁTICO DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO



~~*fake news*~~

Como diferenciar notícias falsas de verdadeiras na era da Inteligência Artificial

Guia prático de combate à desinformação

Autores: Natalia Viana e Babak Fakhamzadeh

Criada por repórteres mulheres em 2011, a ***Agência Pública*** *é a primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil. Nossas reportagens investigativas são pautadas pelo interesse público feitas com base na rigorosa apuração dos fatos e na defesa intransigente dos direitos humanos.*

Este ebook foi desenvolvido com base na oficina "Como diferenciar notícias falsas de verdadeiras", realizada em março de 2026 no Centro de Pesquisa e Formação do SESC, como parte dos eventos de comemoração dos 15 anos da Agência Pública. A oficina foi ministrada por Natalia Viana, diretora executiva e cofundadora da Agência Pública, e pelo desenvolvedor Babak Fakhamzadeh.

Sumário

O que é Desinformação?..... 4
O mito do "Tio do WhatsApp": a indústria por trás do compartilhamento..... 7
Tipos de desinformação..... 15
Guia Prático — 6 Passos para identificar notícias falsas.....19
O método jornalístico: por que confiar nele?.....26
A Inteligência Artificial e a nova era da desinformação..... 31

O que é Desinformação?

Desinformação (ou popularmente chamada de fake news) refere-se a mensagens estruturadas com aparência e formato de notícia que veiculam fatos comprovadamente mentirosos. Essa maquiagem jornalística é a sua principal arma de persuasão: o conteúdo pode assumir a forma de uma reportagem escrita, um site simulado, um vídeo editado, uma foto fora de contexto, um meme de internet ou até mesmo um podcast.

O objetivo central da desinformação é fingir que está revelando ou comprovando um fato que supostamente aconteceu. Para capturar a atenção do leitor e induzi-lo ao erro rápido, **essas mensagens costumam vir acompanhadas de chamadas sensacionalistas e alarmistas**, usando termos como "vejam isso", "desmascarado", "urgente", "tumulto" ou "a casa vai cair". Muitas vezes, esses títulos vêm grafados em letras maiúsculas (caixa alta) e trazem

estruturas linguísticas típicas do jornalismo tradicional (como o uso de verbos de ação do tipo "PF descobre que...") apenas para simular uma autoridade que, na realidade, não possuem.

A origem do termo "Fake News" e o debate acadêmico

Unir as palavras "notícia" e "falsa" na mesma frase carrega uma contradição lógica inerente: a matéria-prima do verdadeiro jornalismo é, por definição, a verificação e a comprovação dos fatos. Se algo é falso, não deveria ser classificado como notícia.

Esse termo ganhou força global a partir de 2016 — ano que se tornou um marco fundamental para o estudo da desinformação devido à eleição de Donald Trump nos Estados Unidos. Foi o próprio Trump quem popularizou e disseminou o termo "fake news", utilizando-o originalmente de forma estratégica para difamar o trabalho da imprensa tradicional e desacreditar o jornalismo.

Apesar de ser conceitualmente contraditório, o termo caiu no gosto popular no Brasil. Isso se deve ao fato de que as campanhas de desinformação reproduzem com precisão a linguagem, o desenho e o formato dos veículos de notícias tradicionais. No entanto, a maior parte dos cientistas e pesquisadores da comunicação prefere utilizar a palavra desinformação, por traduzir melhor o caráter intencional e sistemático dessas mentiras.

O mito do "Tio do WhatsApp": a indústria por trás do compartilhamento

Quando pensamos em mentiras na internet, é comum imaginarmos uma situação familiar: um tio ou uma tia idosa que se enganou, acreditou em uma bobagem qualquer e a repassou no grupo de WhatsApp da família. Embora esse engano individual aconteça, ele não é a engrenagem que move a desinformação em massa.

Uma bobagem criada de forma isolada e amadora por um cidadão comum muito raramente ganhará tração suficiente para atingir proporções nacionais, infiltrar-se em milhares de grupos ou espalhar-se por todas as redes sociais ao mesmo tempo. **Se uma mentira alcança esse nível, é porque existe uma infraestrutura por trás dela.**

A desinformação em larga escala é operada por redes profissionais, empresas e equipes altamente especializadas. Esses grupos planejam estratégias sofisticadas e realizam testes contínuos para descobrir quais formatos de mensagens e memes se espalham de maneira mais fácil e rápida entre a população.

Mesmo que muitos desses conteúdos pareçam visualmente toscos ou amadores, essa estética simplista é frequentemente proposital. Trata-se de um trabalho planejado por profissionais pagos com objetivos claros: enganar a população, manipular a opinião pública e beneficiar estrategicamente determinados grupos econômicos ou políticos.

Anatomia de uma Campanha de Desinformação

Para compreender como essa engrenagem funciona, a Agência Pública — que investiga campanhas de desinformação desde 2018 — mapeou alguns dos diferentes elos que

compõem essa cadeia de produção e distribuição:

- ***Estrategistas e marqueteiros digitais:*** É quem planeja a campanha, define as narrativas que serão exploradas e desenha o tom da comunicação.
- ***Criadores de conteúdo falso:*** Profissionais dedicados a produzir o material mentiroso, montar memes, manipular imagens, produzir vídeos e publicar em dezenas de páginas e grupos em redes como o WhatsApp e o Telegram.
- ***Ativistas e voluntários orgânicos***: Pessoas comuns que, motivadas por paixão político-partidária, afeto, senso de identidade ou pertencimento a um determinado grupo, compartilham o conteúdo voluntariamente, servindo como uma força de trabalho gratuita para os desinformadores.

- ***Influenciadores digitais:*** Perfis com grande alcance que propagam a narrativa, atuando de forma espontânea ou mediante contratos financeiros velados.
- ***Formadores de opinião e autoproclamados jornalistas:*** Youtubers, podcasters e donos de canais digitais que se autoproclamam independentes para conferir legitimidade às mentiras.
- ***Políticos e autoridades:*** Figuras públicas que utilizam sua projeção institucional para dar eco a narrativas falsas estruturadas por terceiros.
- ***Sites ultrapartidários:*** Portais que imitam a estética de veículos de notícias tradicionais com o único objetivo de dar volume, amplificar e chancelar as mentiras produzidas pelas redes de desinformação.
- ***Patrocinadores e financiadores:*** Empresários, investidores privados de alta renda ou até verbas públicas de

comunicação desviadas de sua finalidade para bancar influenciadores, comprar softwares de automação de disparos e alimentar agências especializadas.

O Caso iFood: desinformação corporativa de baixo dos panos

A desinformação industrializada não se limita à disputa por cargos políticos; ela também é largamente utilizada para defender interesses corporativos privados.

Em uma de suas investigações mais amplamente divulgadas, a Agência Pública descobriu e comprovou que a empresa de entregas por aplicativo iFood contratou e financiou de maneira oculta uma agência de publicidade para criar perfis falsos nas redes sociais. O objetivo dessa estrutura clandestina era monitorar, se infiltrar e difamar publicamente os líderes dos movimentos sindicais e grevistas de entregadores de moto.

A investigação da Pública comprovou a prática, a empresa foi alvo de uma ação do Ministério Público e obrigada a fechar um acordo de reparação e pagar multa. No entanto, a agência e os operadores específicos que produziram os memes e perfis mentirosos saíram ilesos, evidenciando as brechas regulatórias que ainda cercam essa atividade profissional clandestina.

O que há por trás do jogo? Financiamento e motivos

Toda essa engrenagem milionária opera movida por interesses muito bem definidos, que podem ser resumidos em três grandes pilares:

1. Ganhar voto e assustar eleitorado

A mentira organizada é o método mais barato e eficiente de desestabilizar oponentes. Ela permite minar a credibilidade de um concorrente de forma industrializada, assustar o eleitor para que mude sua opção de voto ou fazê-lo desistir de comparecer às urnas. Também serve para minar

a própria confiança nas instituições democráticas, como as campanhas sistemáticas realizadas no Brasil para desacreditar a segurança e a legitimidade das urnas eletrônicas.

2. ***Mudar a opinião popular sobre um assunto***

O fomento sistemático à polarização e ao extremismo serve para criar uma cortina de fumaça. Ao reduzir todas as discussões sociais complexas a apenas "dois lados" raivosos e simplificados, desvia-se a atenção de grandes escândalos, conflitos de interesses legítimos e debates sobre políticas públicas fundamentais.

3. ***Ganhar dinheiro***

A desinformação gera rios de dinheiro. Isso inclui desde a monetização de cliques em sites sensacionalistas repletos de anúncios até esquemas complexos de golpes virtuais.

Entender quem cria e quem financia essa máquina de falsidades é o primeiro passo para o leitor deixar de ser um agente reprodutor passivo e se tornar um obstáculo ativo para a disseminação de mentiras.

Tipos de desinformação

Compreender as diferentes categorias de mentiras virtuais nos permite treinar o olhar e identificar rapidamente os padrões de manipulação. Conheça quatro tipos principais de desinformação:

1. Contexto falso

O contexto falso é, talvez, a forma mais sutil e perigosa de desinformação, pois ela não nasce de uma mentira absoluta. Em vez disso, ela se apropria de um fato real e o deforma ao inseri-lo em uma narrativa totalmente inventada ou distorcida.

A eficácia dessa técnica reside no fato de que o leitor, ao fazer uma busca rápida, confirmará que a base do evento de fato aconteceu, o que confere uma falsa camada de credibilidade ao boato completo.

O mecanismo: Pega-se um acontecimento verídico e associa-se a ele uma consequência ou implicação mentirosa.

2. Conteúdo impostor

O conteúdo impostor é uma técnica puramente visual e de marca. O criador da desinformação sabe que o público confia em veículos de imprensa tradicionais e consolidados, por isso, faz a utilização não autorizada de logotipos ou marcas conhecidas para dar credibilidade a conteúdo falso.

O mecanismo: Utiliza-se a identidade visual, os logotipos, as cores, as fontes e até mesmo a assinatura visual de grandes portais de notícia ou órgãos oficiais para fazer com que uma mentira pareça uma reportagem legítima.

3. Conteúdo manipulado

O conteúdo manipulado ocorre quando uma informação é intencionalmente alterada para

enganar o público. Não se trata de inventar algo do zero, mas de "editar" a realidade para que ela conte uma história diferente.

O mecanismo: Cortes de vídeos (retirando falas do contexto original), alteração de imagens por meio de softwares de edição, sobreposição de elementos visuais que não estavam na cena original ou adulteração de legendas e datas.

4. Conteúdo fabricado

O conteúdo fabricado representa o nível máximo de falsidade. Aqui, nada é real. Não há base factual, não há contexto sequestrado e não há manipulação de uma peça existente. Tudo — o texto, a imagem, o áudio ou o vídeo — é 100% inventado com o propósito explícito de enganar.

Com o advento da Inteligência Artificial generativa, criar conteúdos fabricados de altíssima qualidade tornou-se um processo extremamente barato e acessível a qualquer pessoa.

O mecanismo: Criação de narrativas do zero, acompanhadas de fotos ou áudios gerados sinteticamente por computadores de última geração.

Guia Prático — 6 Passos para identificar notícias falsas

Para navegar com segurança na internet sem cair nas armadilhas da desinformação, estruturamos seis passos práticos que qualquer cidadão pode aplicar no seu dia a dia.

Passo 1: Desconfie do sensacionalismo e do absurdo

A desinformação moderna se alimenta das nossas emoções mais intensas: a raiva, o medo, a indignação e o espanto. Portanto, a primeira regra de ouro é: se a história é surpreendente, escabrosa ou excessivamente maluca, comece duvidando.

Fique em alerta máximo ao receber mensagens acompanhadas de chamadas bombásticas em letras maiúsculas (caixa alta) e termos alarmistas como:

"Urgente!"

"A casa caiu!"

"Vejam isso antes que apaguem!"

"Desmascarado!"

Se o tom do texto parece mais interessado em chocar ou validar um preconceito do que em informar de maneira equilibrada, as chances de ser uma notícia falsa são imensas.

Passo 2: Avalie a verossimilhança (Faz sentido real?)

Antes de compartilhar, faça um rápido teste de coerência lógica sobre o que está sendo narrado. Pergunte-se:

As pessoas envolvidas realmente têm o poder de fazer o que o texto alega?

Esses personagens estariam juntos ou agiriam dessa forma na realidade?

Por exemplo, uma imagem de Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro sorrindo e de mãos dadas,

sendo aplaudidos por Joe Biden e Emmanuel Macron, desafia o contexto geopolítico real e a história recente. Embora a tecnologia de inteligência artificial consiga tornar uma imagem visualmente perfeita, ela não consegue dar coerência lógica ao contexto. Avaliar a verossimilhança dos acontecimentos é um filtro essencial que os computadores não conseguem fazer por nós.

Passo 3: Investigue a fonte original e a apuração

Questione imediatamente a origem da mensagem: de onde veio essa história?

Ela foi publicada por um veículo jornalístico reconhecido ou chegou por meio de um link de um blog desconhecido?

O canal do YouTube ou perfil de rede social que espalhou a informação é gerido por profissionais ou são apenas "vozes da cabeça de alguém"?

O bom jornalismo é transparente: ele cita explicitamente suas fontes, exibe documentos oficiais, entrevista testemunhas de diferentes lados e cruza dados robustos. Portais amadores ou perfis que operam na informalidade costumam apenas "requentar" boatos antigos, publicando fatos fora de contexto para gerar cliques e lucrar com publicidade enganosa.

Passo 4: Consulte as agências de checagem de fatos

Se uma história é muito "cabeluda" ou chocante, é quase certo que jornalistas profissionais já se deram ao trabalho de investigá-la e desmenti-la. No Brasil, existem agências altamente especializadas em checar boatos digitais de forma científica e transparente, detalhando toda a metodologia de apuração.

Sempre que tiver dúvidas sobre uma corrente de WhatsApp ou publicação de rede social, faça

uma busca rápida nos seguintes sites de checagem:

- Projeto Comprova (consórcio de dezenas de veículos de mídia)
- Agência Lupa
- Aos Fatos
- Fato ou Fake (do portal G1)
- Boatos.org
- Estadão Verifica
- Uol Confere
- E-farsas

Se a informação foi classificada como falsa por essas agências, você pode ter certeza de que se trata de uma mentira estruturada.

Passo 5: Faça o teste dos grandes veículos de imprensa

Há quem desconfie da chamada "grande imprensa", mas a realidade operacional das redações jornalísticas segue regras muito rígidas de verificação. Se houver um acontecimento

verdadeiramente bombástico ocorrendo no país — como a prisão de uma grande autoridade ou um escândalo político de proporções nacionais —, os grandes sites de notícias vão publicar.

Centenas de jornalistas profissionais de redações concorrentes passam o dia investigando os bastidores do poder. Portanto, se uma denúncia gravíssima sobre o destino da República está circulando apenas em grupos privados de mensagens ou em um blog desconhecido, e nenhum veículo sério como o portal UOL, a Folha de S. Paulo, o G1, a TV Globo ou a própria Agência Pública deu uma única linha sobre o assunto, desconfie imediatamente.

Passo 6: Se não tem certeza absoluta, NÃO compartilhe

Esta é a regra mais importante de cidadania digital e ética cotidiana. O ecossistema de desinformação só funciona em escala industrial

porque conta com a nossa colaboração voluntária para espalhar as mentiras adiante.

Muitas vezes, compartilhamos um conteúdo apenas porque ele confirma aquilo em que já acreditamos, deixando de lado a nossa honestidade intelectual. Contudo, espalhar mentiras não é um ato inofensivo. A desinformação destrói reputações, provoca golpes financeiros devastadores, sabota processos democráticos e, em casos extremos, pode levar a linchamentos físicos e tragédias humanas irreparáveis.

Portanto, adote o seguinte compromisso ético: na dúvida, rompa a corrente e não repasse. A responsabilidade de manter a internet um lugar seguro e saudável é de todos nós.

O método jornalístico: por que confiar nele?

O trabalho do jornalismo profissional é um serviço de utilidade pública focado em confirmar, comprovar e apurar a veracidade dos fatos antes de qualquer publicação, com vistas a garantir o interesse público e o direito à informação. Em um ambiente saturado de desinformação, o jornalista atua como um "historiador do presente", sendo responsável por investigar os acontecimentos e registrar a primeira versão da história com rigor e responsabilidade.

A apuração jornalística não é feita "dando um Google" ou compartilhando impressões pessoais, mas sim por meio de um método investigativo estruturado e fundamentado.

1. O uso indispensável de fontes primárias

A checagem jornalística faz uma busca incessante por fontes primárias, ou seja,

elementos que comprovem ou relatem diretamente uma determinada situação.

O método jornalístico divide as fontes primárias categorias principais, como:

- Documentos e registros oficiais: Processos, relatórios, papéis públicos e contratos institucionais;
- Registros visuais autênticos: Fotografias e vídeos comprovadamente gravados no local e momento do fato;
- Testemunhas presenciais: Pessoas que estiveram fisicamente no evento, manifestação ou reunião e podem relatar o ocorrido em primeira mão;
- Rastros digitais: Pegadas e registros deixados em redes e sistemas virtuais que revelam redes de atuação;
- Dados e Big Data: Tabelas, estatísticas e grandes bases de informações

processadas e analisadas com o auxílio de programas de computador.

2. A regra básica das duas fontes

A regra de ouro de uma apuração séria exige que o jornalista confirme e cruze qualquer informação relevante com pelo menos duas fontes primárias independentes antes de publicar uma reportagem. Alegações que derivam unicamente de intuição ou de "vozes da cabeça" não devem ser usadas.

Esse processo de verificação exige tempo e dedicação. Uma reportagem investigativa pode demandar dias, semanas ou até meses de trabalho contínuo, incluindo cruzamento de dados, checagem documental, rodadas de edição e análise de advogados antes que o texto final seja liberado para o público.

3. Complexidade dos fatos

O jornalista tem o compromisso com a busca de fatos que cheguem mais próximo da verdade. Por isso, a publicação pode ser adiada ou descartada quando os fatos não puderem ser comprovados com segurança.

Além disso, o bom jornalismo rejeita a falsa premissa de que os acontecimentos do mundo possuem apenas "dois lados". A realidade social e política é complexa e possui múltiplas facetas; tentar reduzir debates profundos a uma polarização simplista é uma tática que empobrece a discussão cívica e manipula a opinião pública.

4. Como avaliar o rigor de um veículo jornalístico

Como em qualquer outra profissão, nem todo jornalista executa seu trabalho com excelência. Para identificar se um veículo pratica o método jornalístico de forma criteriosa, o leitor pode observar alguns indicadores de qualidade:

- Transparência de apuração: Verificar se a matéria cita fontes primárias claras e apresenta os documentos que comprovam as alegações
- Raciocínio lógico: Avaliar se as conclusões apresentadas pela reportagem seguem uma construção fundamentada nas evidências
- Reconhecimento e reputação: Observar se o veículo possui tempo de mercado, selos de confiabilidade (como o Projor) e prêmios jornalísticos de prestígio.
- Citação por pares: Checar se a apuração é referenciada por outros veículos sérios, pesquisas acadêmicas ou órgãos públicos.

A Inteligência Artificial e a nova era da desinformação

Com a consolidação da desinformação profissionalizada que estudamos nos capítulos anteriores, o ecossistema de informações enfrenta agora uma mutação ainda mais profunda e veloz: a era da inteligência artificial (IA). O debate contemporâneo sobre notícias falsas não pode mais se limitar a textos manuais e memes toscos compartilhados no WhatsApp. Hoje, a IA permite a automação e a sofisticação da mentira em escala industrial, gerando desafios inéditos.

O que realmente é a "Inteligência Artificial"?

O primeiro passo para se defender da desinformação tecnológica é compreender o funcionamento real das ferramentas. A própria palavra "inteligência" não é a melhor escolha para descrever esses sistemas; o termo correto é algoritmos complexos.

A IA não possui consciência, intenções ou capacidade de raciocinar. Trata-se, essencialmente, de um software que identifica e aprende padrões matemáticos a partir de um volume gigantesco de dados históricos. A partir desse aprendizado de padrões, ela calcula probabilidades para prever qual deve ser a próxima palavra, imagem ou informação a ser exibida.

O processo de ensino de uma IA assemelha-se a educar uma criança: se você mostrar milhões de fotos de cães e gatos a ela, no final ela aprenderá a reconhecer a diferença de padrões entre as duas espécies. Contudo, há uma distinção vital entre reconhecer padrões e compreender a realidade.

Como os modelos de IA trabalham exclusivamente com cálculo probabilístico baseando-se no que já foi escrito na internet, eles são incapazes de verificar fatos. Por exemplo, se

toda a internet passar a comentar uma fofoca sem provas, a IA responderá que o fato aconteceu. Ela não checará a veracidade da informação; ela simplesmente identificará que a proximidade de termos é extremamente provável de aparecer na construção lógica.

Os perigos invisíveis: racismo e misoginia algorítmica

Um dos riscos da inteligência artificial é a sua aparente neutralidade. Por se apresentar como um sistema matemático e "frio", muitas pessoas acreditam que a IA está imune a preconceitos. A realidade, contudo, é oposta: como a IA é treinada em dados produzidos por sociedades que carregam históricos de preconceitos, ela fatalmente reproduz e amplifica essas discriminações.

Se utilizarmos um sistema de IA preditiva para determinar a probabilidade de reincidência criminal em um país cujo histórico judicial seja

racista (onde negros são historicamente mais condenados e investigados do que brancos), a máquina herdará esse padrão. Ela classificará cidadãos negros como propensos ao crime não por uma análise factual, mas porque o racismo estrutural já estava inserido na base de dados de treinamento.

O "Lado B" da IA: impacto ambiental e exploração hipercapitalista

Por trás da interface limpa e mágica dos aplicativos de inteligência artificial que rodam nos nossos celulares, existe uma infraestrutura física e com sérios impactos ecológicos.

Os algoritmos complexos de IA exigem uma quantidade colossal de poder computacional. Para manter esses sistemas funcionando 24 horas por dia, são necessários milhares de data centers (centros de dados) de escala monumental. O funcionamento dessas máquinas gigantescas consome volumes alarmantes de

eletricidade, cujo consumo energético de alguns desses data centers é superior ao de cidades inteiras e bilhões de litros de água potável para refrigerar as máquinas e evitar o superaquecimento dos processadores.

Além do dano ambiental, o controle dessa tecnologia está concentrado nas mãos de corporações hipercapitalistas lideradas por figuras bilionárias que operam sob a lógica de enfraquecer ou burlar as legislações vigentes para acelerar seus lucros.

Por todos esses motivos, a inteligência artificial deve ser encarada com profundo senso crítico: embora seja uma excelente assistente linguística para otimizar tarefas mecânicas diárias, ela jamais deve ser utilizada como ferramenta de pesquisa factual ou busca da verdade. **No combate à desinformação, a verificação cuidadosa dos fatos ainda permanece como um dever estritamente humano.**

Acompanhe nossas investigações em apublica.org

Quer nos ajudar a seguir investigando? Seja um Aliado do jornalismo independente em apoie.apublica.org

Este material é uma publicação exclusiva da ***Agência Pública.***

Publica